

UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS
FACULDADE DE TECNOLOGIA EM MEIO AMBIENTE



Francisco Ferreira Filho

PAISAGISMO URBANO:

Revitalização Paisagística em Juiz de Fora

Juiz de Fora – MG

2003

M 75
2003
Meio ambiente

FRANCISCO FERREIRA FILHO

PAISAGISMO URBANO:

revitalização paisagística em Juiz de Fora

Monografia de conclusão de curso apresentado ao Curso de Tecnologia em Meio Ambiente do Centro de Estudos Tecnológicos UNIPAC (Universidade Presidente Antônio Carlos) Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Tecnólogo em Meio Ambiente Industrial.

Orientadora: Profa. Ana Stephan

Juiz de Fora – MG

2003

Biblioteca



W A O O O 8 9
Alto dos Passos

FOLHA DE APROVAÇÃO

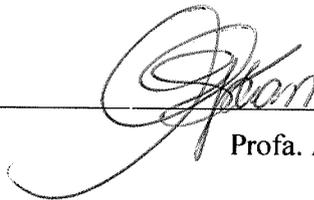
Francisco Ferreira Filho

PAISAGISMO URBANO:

revitalização paisagística em Juiz de Fora

Monografia de conclusão de curso apresentado ao curso de Tecnologia em Meio Ambiente do Centro de Estudos Tecnológicos UNIPAC (Universidade Presidente Antônio Carlos) Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Tecnólogo em Meio Ambiente Industrial

Aprovado em:



Prof. Ana Stephan

Juiz de Fora, ____ de _____ de 2005

*Ao meu pai, por ter-me enviado para a escola e à
minha mãe, que me apoiou nos estudos.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas conquistas realizadas.

Aos meus professores que me ensinaram a persistir e especialmente a minha orientadora Profa. Ana Stephan pela dedicação ao trabalho.

Ao paisagista José Ávila da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, pelo apoio neste projeto.

Ao meu amigo Pedro e Júnior que muito me ajudaram na confecção deste trabalho.

A todos que direta e indiretamente contribuíram para que esse trabalho fosse concluído.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Fazenda de Mariano Procópio Ferreira Lage, século XVIII.....	19
Figura 2 -	D. Pedro II em um barco no rio Paraibuna.	21
Figura 3 -	Avenida Barão do Rio Branco no final do século XIX.	22
Figura 4 -	Largo do Riachuelo (Milheiros) em 1889.....	22
Figura 5 -	Rua São João em final do século XIX.....	23
Figura 6 -	Parque Halfeld, 1880.	24
Figura 7 -	Local onde foram iniciadas as obras para a construção do elevador.....	25
Figura 8 -	Área Central de Juiz de Fora em 1975.....	27
Figura 9 -	Revitalização de praças pelo prefeito Mello Reis – Praça Adalberto Landau no bairro Industrial.....	28
Figura 10 -	Parque Temático do Poço D'antas.....	30
Figura 11 -	Projeto gráfico – rio Paraibuna e suas margens após revitalização.....	31
Figura 12 -	Frota de Veículos da EMPAV.....	33
Figura 13 -	Equipe da EMPAV em manutenção.....	34
Figura 14 -	Canteiros mantidos pela EMPAV, na Av. Barão do Rio Branco.....	35
Figura 15 -	Revitalização da Rua Francisco Bernardino	39
Figura 16 -	Revitalização da Rua Alencar Tristão – Bairro Santa Terezinha.....	39
Figura 17 -	Revitalização da Rua Olegário Maciel, esquina com Monsenhor Gustavo Freire – Bairro Dom Bosco.....	39
Figura 18 -	Alameda da Praça Teotônio Vilela (Vitorino Braga)	40
Figura 19 -	Rotatória Ruas João Pinheiro / Visconde de Mauá – Bairro Jardim Glória	40
Figura 20 -	Acesso ao Bairro J.K.	40
Figura 21 -	Av. Brasil com Costa Carvalho	40
Figura 22 -	Rua Batista de Oliveira com Rua Santa Rita	41
Figura 23 -	Praça Mahatma Gandhi, Bairro Santa Catarina.....	41
Figura 24 -	Praça Rubem Abreu, Bairro Jardim Glória.....	41
Figura 25 -	Largo do Cruzeiro.....	41
Figura 26 -	Rua Djalma de Carvalho (Regional Leste)	42
Figura 27 -	Praça da Vila Ideal.....	42
Figura 28 -	Rua Ângelo Falci	42
Figura 29 -	Jardim Jorge Aleixo (Ladeira).....	42

LISTA DE ABREVIACÕES

ANP - Associação Nacional de Paisagistas

EMPAV - Empresa Municipal de Pavimentação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 PAISAGISMO URBANO	10
1.1 - EVOLUÇÃO DOS JARDINS – DO INÍCIO AOS DIAS DE HOJE	10
1.2 - O PAISAGISMO URBANO NO BRASIL	12
1.3 - PAISAGENS URBANAS	13
2 IMPORTÂNCIA DO PAISAGISMO URBANO	15
2.1 - ASPECTOS AMBIENTAIS	15
2.2 - SOLOS URBANOS.....	16
2.3 - ASPECTOS SOCIAIS.....	17
2.4 - EFEITOS ESTÉTICOS E PSICOLÓGICOS.....	17
3 PAISAGISMO URBANO EM JUIZ DE FORA	19
3.1 - HISTÓRIA DO PAISAGISMO EM JUIZ DE FORA	19
3.2 - ÁREAS DE INTERESSE PAISAGÍSTICO – PAISAGENS NATURAIS DE JUIZ DE FORA	29
3.3 - A REVITALIZAÇÃO PAISAGÍSTICA URBANA EM JUIZ DE FORA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI.....	30
3.4 - GERENCIAMENTO DAS ATIVIDADES DO PAISAGISMO URBANO	33
4 CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
ANEXOS	39

INTRODUÇÃO

Embora o tema proposto nesta monografia seja focar a revitalização paisagística ou paisagismo atualmente trabalhado no centro e bairros de Juiz de Fora, será abordado no início desta obra um histórico dos jardins no mundo e do paisagismo no Brasil, até chegar ao ponto principal. Isso se torna necessário para que o tema tenha uma melhor compreensão e o assunto seja contextualizado.

A partir de observações exploratórias pode-se dizer que há um crescente interesse por parte das pessoas e dos órgãos públicos pela construção de jardins e implantação de áreas verdes como praças, parques e arborização de ruas.

As funções desempenhadas pelas áreas verdes e espaços livres no meio urbano estão relacionadas com os valores paisagísticos, recreativos, ambientais e fatores sócio/econômicos/culturais de uma cidade. Todas essas funções se interagem direta ou indiretamente, na qualidade de vida da população urbana (BRANDÃO, 2002).

Infelizmente, nem todas as cidades, principalmente municípios de menor porte, possuem setores especializados, com conhecimentos técnicos necessários para projetos e execução do paisagismo urbano. Soma-se a isso à falta de conhecimento, por parte da comunidade e poder público, sobre a importância do paisagismo urbano.

Este trabalho abordará tópicos importantes dentro do tema proposto, esclarecendo numa linguagem simples e acadêmica, aspectos relacionados às funções ambientais, sociais e culturais, que envolvem o paisagismo urbano, buscando em seguida a história evolutiva dos jardins e do paisagismo em Juiz de Fora desde o século XIX até o início do novo milênio.

A intenção deste trabalho é contribuir para interessados que queiram iniciar seus trabalhos de paisagismo urbano. Para efetivação desta monografia foram realizadas pesquisas biográficas e entrevista com o paisagista José Ávila, da divisão de Parques e Jardins da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, em Março de 2004.

1 PAISAGISMO URBANO

1.1 - Evolução dos Jardins – Do início aos dias de hoje

Segundo a Bíblia, o início dos jardins começou com o início da humanidade. No livro de Gênesis é relatada a história do primeiro jardim do mundo, o jardim do Éden, onde Deus fez brotar do solo espécies de árvores frutíferas e ornamentais e nele colocou o homem para que o cultivasse (ARRUDA, 2003).

A própria palavra jardim vem da junção do hebreu “gan” (proteger, defender) e “éden” (prazer, delícia) e expressa de certa forma a imagem de um pequeno mundo ideal, perfeito e privativo. Do hebraico “gan-éden” originou o termo em inglês “garden”, o francês “jardin” e jardim em português (LIRA FILHO, 2001).

Outra referência importante encontrada no Livro Sagrado diz respeito aos Jardins Suspensos da Babilônia. De acordo com antigos documentos encontrados, do alto das muralhas de até 100 m que cercavam o palácio real, havia jardins mais admiráveis que os próprios muros.

Há 2500 anos, a cidade de Babilônia era famosa pelas muralhas que a cercavam de todos os lados. Feitas em tijolos maciços eram notáveis devido à grande extensão. Chegavam a 20m de largura e eram como montanhas artificiais. Com seus grandes terraços apoiados em colunas de 25 a 100m de altura formando uma larga superfície de blocos de pedra revestidos com camadas de junco, betume e lâminas de chumbo para torná-la impermeável. Nessas estruturas colocavam-se terra para o cultivo dos jardins que contavam com inúmeras espécies de plantas, incluindo grandes palmeiras e tamareiras, além de árvores frutíferas e plantas floridas e perfumadas.

Os Jardins Suspensos da Babilônia foram construídos aproximadamente entre 600 e 500 a.C. por ordem do rei Nabucodonossor II, para agradar e consolar sua esposa preferida, Amitis, que sentia saudades das montanhas e do verde de sua terra natal.

A história dos jardins, no ponto de vista da ciência, tem sua origem no oriente, em regiões com pouca disponibilidade hídrica como a China, Egito e Pérsia. Nessas regiões, há milhares de anos, o homem começou com as primeiras técnicas de irrigação usando tanques e canais.

A partir do renascimento, surgiram três estilos de jardins. Estes evoluíram dando origem a cinco estilos conhecidos atualmente: o Jardim Clássico ou Formal, o estilo Desértico ou Rochoso, o estilo Oriental ou Japonês, o Jardim Tropical e o estilo Contemporâneo, sendo o último muito usado no Brasil nos dias de hoje por ser um estilo livre, que não se prende muito às formalidades existentes nos jardins clássicos, de formas rígidas e geométricas (ARRUDA, 2003).

Para definir jardins, vários conceitos já foram criados, mas eles acabam por se igualar na essência.

Como exemplo, pode-se dizer que “jardim é um terreno onde se cultivam plantas ornamentais, úteis ou para o estudo. É também uma obra de arte, com elementos vivos e inertes, no qual o homem procura nos momentos de lazer, um contato com a natureza” (LIRA FILHO, 2001, pg. 30).

O surgimento de jardins nos espaços públicos possui diferentes teorias. Na antiguidade, a construção de jardins limitava-se ao domínio da elite. Entre o uso e estudo da vegetação como elemento decorativo e de relaxamento para o espírito, levando o homem à memória do Éden, os jardins passaram a elemento importante como fator de salubridade nas cidades do século XIX e recentemente, passaram a destacar as manifestações de natureza ético-ecológica.

É importante lembrar que o termo “paisagismo urbano” é recente por ser um ramo novo dentro do estudo dos espaços públicos a serem revitalizados.

Por muito tempo os profissionais que elaboravam jardins eram chamados de Mestres Jardineiros. Foi a partir do final dos anos 70 do século XX que o termo paisagista (que antes era usado somente para artistas que pintavam paisagem em tela) passou a ser usado para designar os profissionais jardinistas.

Dentre alguns conceitos de paisagismo, podemos destacar: “a resultante integrada das relações entre o clima, o solo, a vegetação, os processos evolutivos naturais e o homem, frente a seus desejos e necessidades” (LIRA FILHO, 2001, pg. 34).

1.2 - O Paisagismo Urbano no Brasil

Os jardins fazem parte da história de cada povo, cidade ou país. O paisagismo urbano brasileiro teve início na cidade do Rio de Janeiro com a criação do Real Horto¹ por D. João VI, após sua chegada ao Brasil. Com D. João VI foram criados ainda os Hortos de Ouro Preto, Pará, Pernambuco e São Paulo (BRANDÃO, 2002).

Com o príncipe Maurício de Nassau, por volta de 1637, foram realizados trabalhos de ajardinamento nas cidades de Recife e Olinda, inspirados nos jardins da Holanda.

Em 1873, foi criado o Passeio Público do Rio de Janeiro. Construído por Mestre Valentin da Fonseca e Silva, inspirado na cidade de Lisboa, é considerado até os dias de hoje um marco dos jardins públicos do Brasil.

Já no Brasil império, na primeira metade do século XIX, teve início na cidade do Rio de Janeiro o pioneirismo da arborização de ruas com os trabalhos do agrônomo Ludvig Riedel, responsável pelo desenvolvimento da horticultura e da documentação de mais de 7000 plantas durante sua passagem pelo país.

Na segunda metade do século XIX veio para o Brasil, a convite de D. Pedro II, um importante paisagista europeu, Auguste Francisque Marie Glaziou. Formado em botânica pelo Museu de História Natural de Paris, Glaziou coordenou trabalhos na Diretoria de Parques e Jardins da Casa Imperial criada em 1869, e deixou a marca de sua obra em várias cidades brasileiras.

Na década de 60 (Século XX), surgiu o mais famoso paisagista brasileiro, Roberto Burle Marx. Com grande apego à natureza, Burle Marx dava ênfase às espécies nativas. Nessa época, o paisagismo urbano brasileiro já havia passado por grandes transformações, influenciado pelo movimento modernista (Década de 30, século XX). Com isso as paisagens brasileiras ganharam estilos mais voltados à vegetação nativa e modalidades livres.

A partir da década de 60, surgiram no Brasil vários cursos de jardinagem e paisagismo, como exemplo, a Escola Paulista de Paisagismo em São Paulo. As universidades também aumentaram os cursos com disciplinas voltadas para essa área devido à demanda de profissionais regulamentados ou capacitados para essa nova função que é o paisagismo urbano. É importante lembrar, porém que ainda não existe curso superior de paisagismo e sim especializações.

¹ O Real Horto criado por D. João VI em 1808 é chamado atualmente por Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

1.3 - Paisagens Urbanas

Na tentativa de elucidar a abrangência do paisagismo urbano e como este se encontra atualmente no Brasil, serão abordados a seguir cinco tópicos:

1. Quanto ao desmembramento da paisagem urbana:

Segundo Lira Filho (2001), todos os espaços construídos, não confinados entre parede e um teto, podem ser denominados de espaços livres de edificações, presentes no meio ambiente urbano. Dotados de vegetação ou não, estes são importantes no ponto de vista ambiental. Abrangem desde os logradouros urbanos, como praças, parques, largos e ruas, incluindo espaços privados como jardins, quintais, pátios e terrenos baldios e áreas verdes em geral. Esses espaços constituem a paisagem urbana.

Do ponto de vista institucional, no setor público as áreas verdes inserem-se as atividades de planejamento e administração dos jardins, praças, parques e demais modalidades de áreas verdes. Já o setor de arborização de ruas trata de planejamento, da implantação e manutenção das árvores de ruas e avenidas, que constituem a rede de união entre as áreas verdes, formando a floresta urbana (LIRA FILHO, 2001, p. 135).

2. Quanto à qualificação dos profissionais que atuam no planejamento de áreas verdes urbanas:

A profissão de paisagista no Brasil ainda não é regulamentada. Desta forma, vários profissionais atuam na área. "Arquitetos, engenheiros agrônomos e florestais, artistas plásticos, biólogos, ecólogos, geógrafos e botânicos: cada um defende com argumentos convincentes quem tem mais mérito para exercer o trabalho" (MERCADO, 2003).

O fato é que para trabalhar com projetos que envolvam planejamento e plantio de espécies vegetais, o profissional, seja de qual área for, precisa ter conhecimentos nas áreas de Química dos Solos, Fisiologia Vegetal, Microbiologia dos Solos, Botânica e Ecologia.

O ideal seria as prefeituras montarem uma equipe multidisciplinar para que cada um assumisse responsabilidade no projeto dentro de sua área de formação. Mas a montagem de uma equipe especializada se torna às vezes onerosa e conseqüentemente inviável aos cofres públicos.

Uma saída seria os profissionais buscarem especialização na área de paisagismo urbano. No Brasil já existem cursos nesta modalidade em algumas universidades.

Quanto à qualidade dos trabalhos de manutenção das áreas verdes urbanas:

Um dos grandes problemas existentes na área de paisagismo urbano é a falta de uma manutenção especializada. E isso é uma característica de várias cidades brasileiras.

As podas nas árvores, na maioria das vezes, são feitas de maneira irregular, os solos não são devidamente tratados. Há casos em que a manutenção nem acontece, ficando as praças, parques e jardins públicos deixados em total abandono.

3. Quanto ao planejamento urbano:

Segundo Goldenstein (2003), Secretária do Meio Ambiente da Prefeitura de São Paulo, uma das dificuldades em administrar o espaço urbano se deve à falta de processos no planejamento das cidades. Isso faz com que as questões ligadas à qualidade de vida, estrutura urbana e paisagem urbana, sejam desenvolvidas de forma casuística, complacente, com base em interesses setoriais e privados. Existe uma insuficiência de áreas verdes, principalmente na periferia. Estas áreas estão mal distribuídas, mais presentes nas regiões com estrutura urbana consolidada.

4. Quanto à paisagem urbana contemporânea:

O pós-modernismo sugeriu um modelo de paisagem urbana voltada para um planejamento de base comunitária local, atendendo uma demanda social dos indivíduos que são responsáveis pelo aspecto e forma dos lugares onde vivem e trabalham.

A cultura do jardim público após os anos 80 (Séc. XX) se voltou para as categorias funcionais, os valores estéticos, os significados simbólicos, tendo como objetivo evidenciar a essência pública do espaço aberto. Com isso espera-se dos jardins públicos realizados, a capacidade de assumir o papel de revitalizar áreas densamente ocupadas e degradadas, contribuindo dessa forma para que seja um local de excelência para o jardim público contemporâneo.

Outra sugestão seria a construção da paisagem com base nas raízes culturais do lugar. O paisagismo atual concentra-se no contexto e pelo significado, criando uma paisagem determinante de um novo momento do planejamento urbano, como por exemplo, a Universidade Livre do Meio Ambiente em Curitiba (SEGAWA, 2003).

2 IMPORTÂNCIA DO PAISAGISMO URBANO

2.1 - Aspectos Ambientais

Na maioria das cidades brasileiras, o meio ambiente urbano encontra-se deteriorado devido ao excesso de elementos artificiais em relação aos elementos vegetais.

O crescimento urbano acelerado das cidades não contou com o planejamento em relação a esse processo. Isso provocou uma redução na qualidade ambiental das cidades e conseqüentemente reduziu-se também a qualidade de vida da população urbana (GOLDENSTEIN, 2003).

A falta de entrosamento de elementos arquitetônicos com vegetais reflete a falta de conhecimento de sua importância ou é desinteresse devido a investimentos necessários tornando a vida nas cidades cada vez mais desagradável.

A existência de áreas verdes nas cidades em forma de bosques, parques, praças e ruas arborizadas contribuem para a sensação de bem estar dos usuários destes espaços além de promover inúmeros benefícios estéticos e funcionais ao homem, representando valores e propriedades além de seus custos de implantação e manejo.

As áreas verdes urbanas estão relacionadas com a melhoria da qualidade do ar e do conforto térmico. As plantas têm a capacidade de interceptar partículas e absorver gases poluentes, funcionando como purificador do ar. Quanto à redução da temperatura, esta se deve à absorção do calor nos processos de transpiração e redução da radiação e reflexão dos raios solares. O excesso de cimento, asfalto e concreto absorve energia radiante e libera calor. A vegetação em áreas urbanas, seguindo um planejamento ordenado, poderia resolver este problema tornando o ambiente mais equilibrado e reduzindo o desperdício de energia (WALNYCE, 2001).

Outros benefícios proporcionados pela presença planejada das plantas na paisagem urbana são a proteção contra os ventos e a redução da poluição sonora. O vento pode ser agradável, desconfortável ou até mesmo destruidor, dependendo de sua velocidade. As plantas modificam os ventos pela obstrução, deflexão, condução ou filtragem do seu fluxo. Assim, a vegetação quando arranjada adequadamente pode proteger uma construção da ação dos ventos ou direcionar a passagem destes por um determinado lugar. Em relação à poluição sonora, as plantas não são muito eficientes em reduzir os sons gerados nas atividades urbanas, no

entanto, este efeito é possível quando houver uma massa vegetal considerável próxima à fonte sonora, ou seja, dependendo da situação, a composição vegetal pode muito bem ser trabalhada com este propósito (WALNYCE, 2001).

2.2 - Solos Urbanos

Para se ter uma vegetação saudável em logradouros públicos, é necessário também que haja um solo compatível com as necessidades das espécies plantadas.

Geralmente as espécies vegetais no meio urbano apresentam um baixo desenvolvimento de seu potencial biológico. Isto se deve aos locais inadequados ao plantio, principalmente no que diz respeito aos solos (WALNYCE, 2001).

Os solos urbanos são caracterizados pela alteração antrópica resultante do processo desorganizado de urbanização. Devido ao tratamento recebido ao longo do tempo (cortes por máquinas, aterro e desaterro, etc.), os solos de uma cidade apresentam baixa fertilidade e diferença em uma mesma área cultivada, podendo passar de uma propriedade a outra repentinamente.

Outra alteração encontrada nos solos urbanos é causada pela presença de materiais não pedogênicos como restos de tijolos, concreto, madeiras, plásticos, borrachas, vidros, pedaços de ferro e restos de pavimentação que são incorporados aos solos durante o processo de construção civil, entre outros. Isso faz com que os solos percam suas propriedades morfológicas, físicas, químicas e biológicas, dificultado a capacidade de dar sustentação ao desenvolvimento da vegetação. Existem ainda problemas relacionados a grande quantidade de encanamentos e tubulações de redes elétricas, sanitárias e hidráulicas, pois as raízes das árvores podem oferecer riscos e danos a estas redes, tornando tais locais impróprios para este propósito.

É de extrema importância que qualquer empresa (pública ou privada) tenha o cuidado de deixar o solo em locais de obras de forma adequada para receber, se um dia preciso for, a vegetação. Contudo, é fundamental o conhecimento das áreas verdes urbanas e áreas a serem trabalhadas com ajardinamento e arborização para o planejamento adequado desses espaços evitando desta forma plantios fracassados por falta de conhecimento e desinteresse pelo solo (WALNYCE, 2001).

2.3 - Aspectos Sociais

As cidades são percebidas por seus moradores através da visão do meio ambiente externo. O homem de uma cidade tem em sua rotina diária a imagem padronizada das ruas, caminhos de pedestres, áreas comerciais, praças, parques e jardins em áreas residenciais. Contudo, existem paisagens às vezes ignoradas, disfarçadas atrás dos lugares públicos: são as indústrias, lugares institucionais, os lotes vagos, as vias expressas, as áreas abandonadas, rios, lagos, canais e mares (MATHEUS, 2003).

O desafio do planejamento urbano, no que diz respeito à criação de áreas verdes, é tornar essas paisagens disponíveis ao homem, sem deixar de lado o trabalho de conscientização ambiental, para inserir o cidadão no contexto ecológico, mostrando-lhe a importância da participação da comunidade nos processos paisagísticos públicos.

O planejamento urbano, se aliado aos princípios da Agenda 21 e a um bom programa de educação ambiental, leva a uma visão mais crítica, tanto da população quanto dos órgãos governamentais e dos setores econômicos, buscando integrar os recursos naturais, arquitetônicos e culturais da cidade no sentido de atingir a meta do equilíbrio ecológico e da harmonia compartilhada.

Uma cidade com parques e jardins bem cuidados inspira em seus cidadãos o respeito às plantas, aos animais, a si mesmo e a seus semelhantes. Viver numa cidade assim eleva a auto-estima e nos faz sentir orgulhosos e responsáveis por sua conservação (MATHEUS, 2003).

2.4 - Efeitos Estéticos e Psicológicos

Curiosamente, os lugares mais violentos são também aqueles com menos verde. Pesquisas mostram que dos maiores efeitos proporcionados pela utilização das plantas nos espaços urbanos são os estéticos e psicológicos. Os efeitos estéticos, evidenciados pelas propriedades ornamentais de cada espécie como forma, cor e textura têm o poder de modificar ambientes visualmente, tornando-os mais agradáveis às vistas de seus usuários. Já os benefícios psicológicos, descritos por muitos pesquisadores, são capazes de melhorar o desempenho e humor dos trabalhadores, reduzir o tempo de internação e uso de remédios em pacientes e melhorar a relação de empresas que possuem jardins atrativos com a comunidade. Outro fato importante é a redução da criminalidade nos centros urbanos onde o uso de plantas

é adequado. Mas, para o sucesso do empreendimento, o planejamento de áreas verdes deve ser feito considerando-se as necessidades fisiológicas e propriedades paisagísticas de cada espécie, bem como as características de cada área a ser trabalhada (MATHEUS, 2003).

3 PAISAGISMO URBANO EM JUIZ DE FORA

3.1 - História do Paisagismo em Juiz de Fora

Juiz de Fora surgiu como povoado no final do século XVIII. Naquela época as paisagens em torno das serras que circundavam o Vale do Paraibuna ainda mantinham, na maioria das vezes, sua característica nativa intocada de Mata Atlântica, e grande parte das margens do Rio Paraibuna ainda possuía suas matas ciliares.

A Estrada União e Indústria, construída no fim da década de 50 do século XIX sob a responsabilidade de Mariano Procópio Ferreira Lage, ligando a Província de Minas Gerais à Corte (Rio de Janeiro), foi o que mais contribuiu para o progresso de Juiz de Fora. A estrada beneficiava também as cidades de Mar de Espanha, Barbacena, São João Del Rey e Ouro Preto (ESTEVES, 1915).

Nessa mesma época, Mariano Procópio começava a construir a “Vila” e sua majestosa habitação que passou a se chamar “Castelo de Mariano” onde hospedou por duas vezes a família Real (Figura 1).

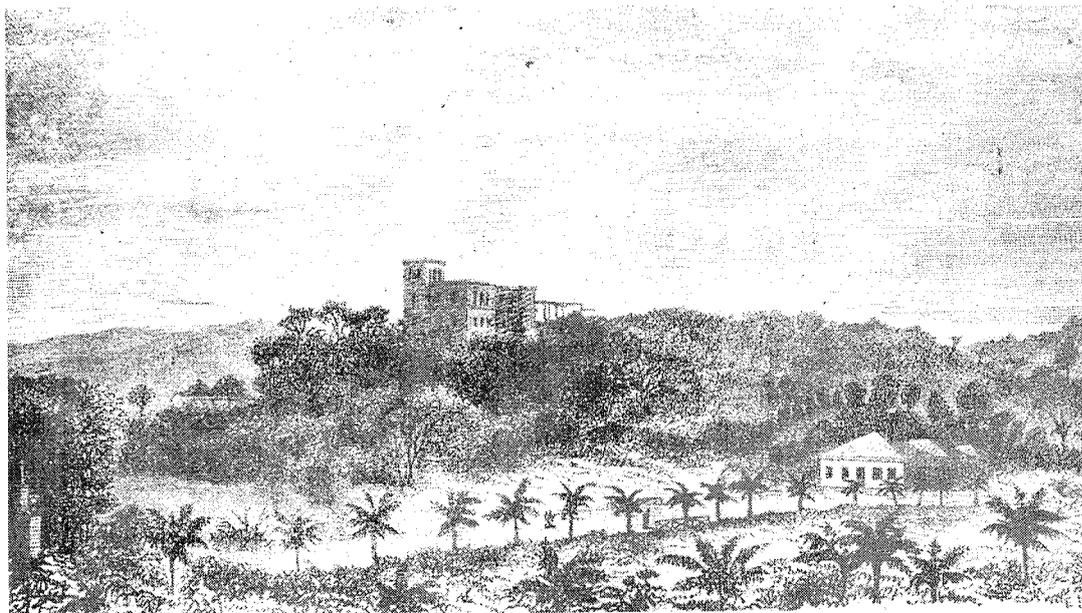


Figura 1 - Fazenda de Mariano Procópio Ferreira Lage, século XVIII.

Fonte: ESTEVES, pg. 10, 1915.

O castelo de Ferreira Lage (hoje Museu Mariano Procópio) foi projetado pelo arquiteto alemão Carlos Augusto Gambs, juntamente com a Vila, lugar criado ao lado para receber visitantes. Atualmente no local onde ficava a Vila, existe a Quarta Região Militar.

Foi justamente neste lugar que aconteceu o primeiro trabalho paisagístico de Juiz de Fora. Os jardins que encantavam a todos os visitantes e inspiravam a poesia, foi construído pelo paisagista francês Auguste Marie Francisque Glaziou, que já havia projetado jardins em várias capitais brasileiras. Coordenador dos trabalhos da Diretoria de Parque e Jardins da Casa Imperial, Glaziou foi contratado por Mariano Procópio para planejar os jardins que receberam espécies de plantas de várias partes do mundo (ESTEVES, 1915).

Em sua primeira visita ao parque de Mariano Procópio, o Imperador D. Pedro II escreveu em seu diário de viagem o seguinte texto:

É deste aprazível sítio que a arte converteu num brinco igual a qualquer lugar de banhos da Alemanha, sob o céu recamado de estrelas que porfiam com as inumeráveis luzes, que cintilam nos jardins e elegantes edifícios, ao som de uma harmoniosa banda de música de colonos tirolezes que Eu principio a narrar minha viagem enquanto a lua não sai e Eu também, para percorrer estes jardins a inglesa, e subir ao alto de um outeiro, onde Lages acaba a construção da mais coquete habitação. Eu estou em outra casa que também lhe pertence e se acha no meio dos jardins e junto ao outeiro. Esta casa foi arranjada com apurado gosto e nada lhe falta... chamam-me para passear, pois a lua já surgiu... (HISTÓRIA, 2004).

A Figura 2 mostra o imperador D. Pedro II em um passeio de barco pelas margens do Rio Paraibuna.



Figura 2 - D. Pedro II em um barco no rio Paraibuna.

Fonte: ESTEVES, pg. 12, 1915.

Segundo a edição de 27 de junho de 1869 do Jornal do Comércio (que narrou a segunda visita da corte ao castelo de Mariano Procópio) o parque era uma espécie de habitação de fadas, ao longo de uma ligeira colina enfeitada por extensos jardins, com lindos bosques, plantas raras com lindas flores, cascatas repuxos, tanques, cercas de parasitas (orquídeas), assentos rústicos de caprichosas formas, animais curiosos e variedades de construção de recreio. Com estas referências, dá para se ter uma idéia do belo e luxuoso trabalho paisagístico planejado e executado, onde hoje se encontram o museu Mariano Procópio e a Quarta Região Militar de Juiz de Fora, na segunda metade do século XIX (MOURA, 2003).

Segundo Oliveira (1966), desde a instalação do Município, por volta de 1856, a câmara não cessou de trabalhar no sentido de gerar melhorias em diversos setores da administração urbana. Mas as coisas naquela época caminhavam a passos lentos. Em 1863 a Avenida Barão do Rio Branco (anteriormente chamada por Rua Principal) não passava de uma estrada de chão puro. Na maior parte do tempo necessitava de capinas e manutenção constante. A Figura 3 ilustra a Avenida Barão do Rio Branco na época.



Figura 3 - Avenida Barão do Rio Branco no final do século XIX.

Fonte: ESTEVES, pg. 161, 1915.

Mais tarde, com a inauguração da União e Indústria, a estrada Principal passou a se chamar Rua Direita, que terminava em total desprezo no Milheiros (Largo do Riachuelo) de onde não se podia continuar o caminho (Figura 4).



Figura 4 - Largo do Riachuelo (Milheiros) em 1889.

Fonte: FAZOLATTO, pg. 73, 2001.

A primeira planta da cidade foi levantada pelo engenheiro Gustavo Dott em 1860. Esta planta serviu para orientar os trabalhos na administração urbana durante um bom tempo.

Uma mudança importante na paisagem do povoado em 1863 foi um corte iniciado no Rio Paraibuna acima da ponte da Rua Halfeld para conter as enchentes que sempre ocorriam e causavam transtornos na estrada União e Indústria. Neste período, a Câmara começou a cuidar da arborização da cidade, introduzindo o sistema de arborização adotado nas principais cidades da Europa. Segundo Oliveira (1966), foi adquirida grande quantidade de Saboeiro, árvore que seria usada para aquele propósito, mas a Câmara não desejava privar os habitantes de terem em frente de suas casas Cedro do Líbano, Cedro do País e outras plantas cultivadas naquele tempo.

O vale onde hoje é o centro de Juiz de Fora, há 150 anos atrás era encharcado por várias nascentes que brotavam e escorriam de pontos diferentes da pequena cidade que se formava. Em frente à Câmara Municipal encontravam-se as sobras das águas que brotavam da fralda do Morro do Imperador e desciam pelos quintais e vias públicas em pequenos canais descobertos (Figura 5).



Figura 5 - Rua São João em final do século XIX.

Fonte: FAZOLATTO, pg. 75, 2001.

Em 1879 foi reiterada na Câmara Municipal a indicação feita pelo Dr. Marcelino de Assis Tostes para que fosse ajardinada a praça Municipal. O Largo da Câmara, como era chamado, recebia críticas constantes por causa do capim que crescia livremente e dos

atoleiros, resultado das águas que, como mencionado antes, escorriam do Morro do Imperador.

Em 1880, começaram as obras de ajardinamento da Praça Municipal, seguindo a planta do arquiteto Miguel Antônio Lallermant. O jardim foi construído segundo o “Sistema Inglês de Relvas e Árvores” e recebeu um gradil que circundava todas as suas extremidades (Figura 6) (ESTEVES, 1915).

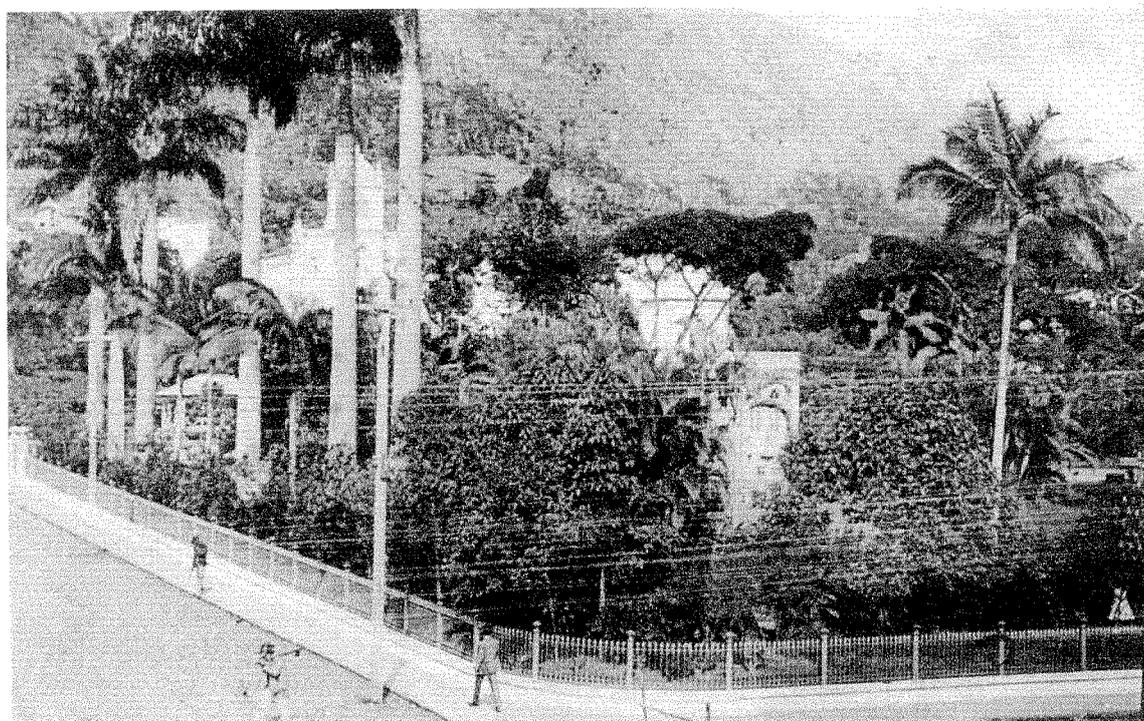


Figura 6 - Parque Halfeld, 1880.

Fonte: FAZOLATTO, pg. 49, 2001.

Em 31 de julho de 1901, o Jardim Municipal passou a se chamar Parque Halfeld em homenagem ao coronel Francisco Mariano Halfeld que colaborou com ajuda financeira para o embelezamento do parque. Neste mesmo ano foi doado um terreno à estrada de ferro ao lado da estação para que fosse ajardinado. Assim surgiu também a Praça da Estação.

Outro ponto importante para a história do paisagismo em Juiz de Fora foi a inauguração em 1906 do Monumento Cristo Redentor, no alto do Morro do Imperador, que recebeu esse nome por proposta de Mariano Procópio, após a escalada que D. Pedro II fez no local em 1861.

Em 1910, Sr. Saint-Clair de Miranda, que ajudou no planejamento dos jardins no Morro do Cristo Redentor, juntamente com a associação – a União Pão de Santo Antônio, (Entidade religiosa), começou um grande empreendimento que, segundo ele, seria oferecido como presente a uma filha que se encontrava enferma, e juntamente com a associação

aguardava o apoio da Câmara para efetivar a obra. Esse empreendimento seria a construção de um elevador que partiria da rua Dr. Constantino Paleta rumo ao plano do mirante, à face direita do rochedo que lhe ficava em frente. O projeto foi iniciado e chegaram a cavar em rocha viva o caminho por onde iria passar o elevador. Mas, com a morte da filha de Saint-Clair, este perdeu o entusiasmo pela obra e, como a associação não tinha recursos suficientes para continuar a construção, o projeto caiu no abandono (Figura 7) (OLIVEIRA, 1966).

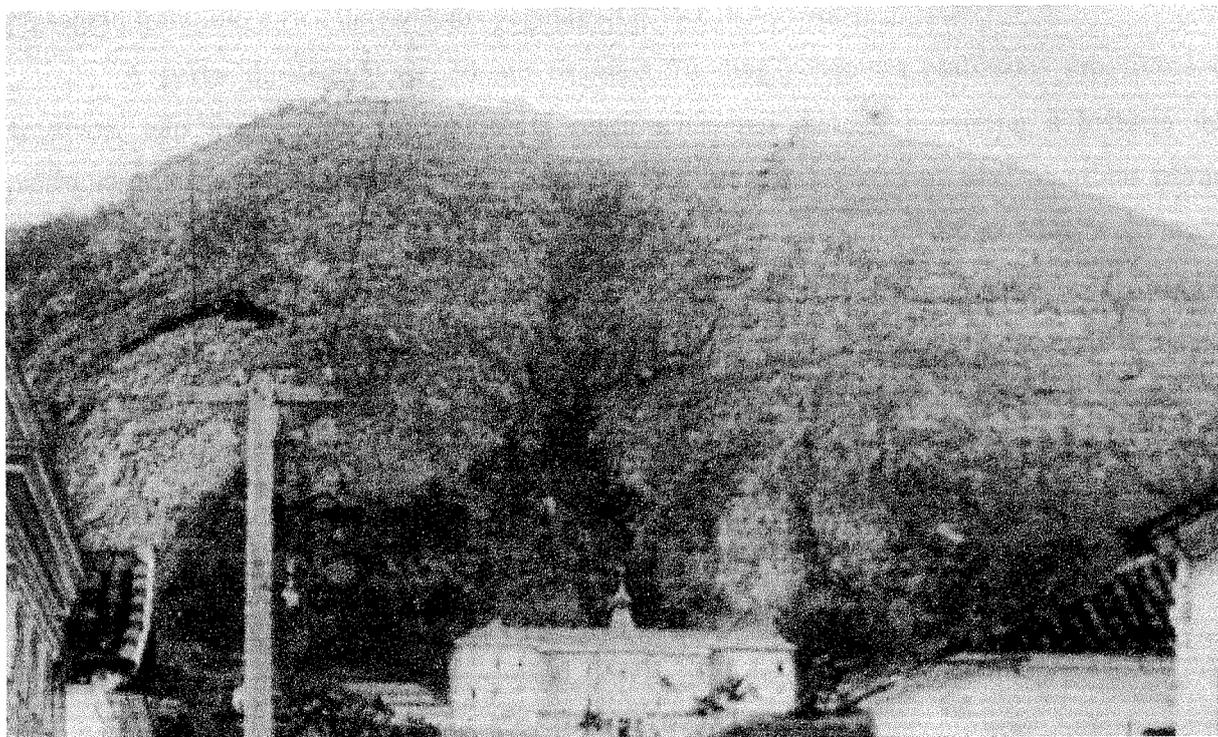


Figura 7 - Local onde foram iniciadas as obras para a construção do elevador.

Fonte: FAZOLATTO, pg. 75, 2001

Por volta de 1916, Juiz de Fora teve várias ruas calçadas com paralelepípedo. Entre elas, a Rua Halfeld e em seguida a Av. Barão do Rio Branco que foi transformada em um bulevar, com canteiros de cada lado.

A paisagem de Juiz de Fora na 1ª parte do século XX passava por transformações em várias linhas urbanísticas. Na década de 20, já havia indícios de renovação no campo das artes em todo Brasil e este clima de modernismo chegou, mesmo que timidamente, em Juiz de Fora devido à sua proximidade com a cidade do Rio de Janeiro. Com o Movimento Modernista, o campo das artes de um modo geral, incluindo das artes empregadas no ramo da jardinagem e paisagismo, passou por uma mudança na maneira de interpretar o mundo. A visão renovada dos urbanistas que queria um Brasil mais autônomo na sua arquitetura, usufruindo a liberdade de se trabalhar os aspectos técnicos, estéticos e empregos de materiais. Embora no interior do

país houvesse ainda uma resistência ao novo, com os artistas presos nos moldes europeus, o modernismo não tardaria a se estender por todo o Brasil.

Juntamente com esse clima de inovação das artes, é que foi entregue ao povo de Juiz de Fora através de doação, o Museu Mariano Procópio no ano de 1922, como prometera em testamento seu fundador Mariano Procópio Ferreira Lage. Com este presente a população da cidade pôde passear pelas alamedas de árvores como sapucaias e palmeiras e desfrutar de uma paisagem tranqüila e rica de espécies vegetais (OLIVEIRA, 1966).

A partir da década de 30 até os anos 70, nas pesquisas realizadas em livros e arquivos, não foram encontradas outras referências que pudessem retratar a história do paisagismo urbano em termos de jardinagem. As referências encontradas abordam obras paisagísticas no campo da arquitetura, como projetos de Oscar Niemayer em 1941, a exemplo do edifício modernista do Banco do Brasil, de frente para o edifício neoclássico do Banco Crédito Real. Em 1956, Francisco Bolonha elabora projeto arquitetônico para o edifício Juiz de Fora, rua Halfeld esquina com Rio Branco. Este projeto contou com a participação de Portinari, considerado um mestre em artes plásticas. Já o projeto arquitetônico da Reitoria da UFJF, rua Benjamim Constant, elaborado por Décio Bracher, contemplou o paisagismo com bela área vegetada, afastando a edificação do plano da rua para o fundo do lote, abrindo grande quadra ajardinada.

Segundo Ávila (2003), paisagista da Divisão de Parques e Jardins – EMPAV, da Prefeitura de Juiz de Fora, o paisagista Roberto Burle Marx, conhecido mundialmente por suas obras, realizou trabalhos particulares em Juiz de fora entre a década de 50 a 80, entre eles projetos na fazenda São Mateus e fazenda Sarandira. De certa forma, seus projetos influenciaram o paisagismo juizforano, mostrando aos adeptos do paisagismo modernista uma nova filosofia paisagística que valoriza a natureza em sua forma original e a vegetação nativa.

Ávila (2003) informou não ter outros dados relevantes sobre a evolução do paisagismo urbano na cidade no período de 40 a 70 do século XX. O paisagista diz que muito do que foi feito seguiu a partir de influências do paisagismo do Rio de Janeiro. A exemplo da arborização urbana concebida em Juiz de Fora ao longo dos anos.

No final da década de 70, Juiz de Fora já era uma cidade bem desenvolvida em termos de engenharia e arquitetura, com prédios verticalizados, ocupando grande área central e se expandindo para os bairros próximos (Figura 8).



Figura 8 - Área Central de Juiz de Fora em 1975.

Fonte: COMPANHIA MINEIRA DE ELETRICIDADE, pg. 33, 1994.

No final desta década foi construído o horto municipal do Poço D'antas e a EMPAV já existia. A cidade ganhou através do prefeito Mello Reis, os canteiros centrais da Avenida Barão do Rio Branco gramados com gramas batatais (*Paspalum notatum*). De acordo com Ávila (2003), o prefeito fez uma reforma no parque Halfeld plantando espécies arbóreas e palmáceas, além de intervenções na arborização urbana.

O prefeito Mello Reis durante seu mandato na década de 80 (século XX) entregou muitas praças ajardinadas à família operária (Figura 9).



Figura 9 - Revitalização de praças pelo prefeito Mello Reis – Praça Adalberto Landau no bairro Industrial.

Fonte:

A partir daí o poder público de Juiz de Fora começou a investir mais no paisagismo urbano. O paisagismo em residências começou a ganhar cada vez mais adeptos, embora o mercado de jardinagem fosse ainda tímido. Ávila (2003) informou que após o advento da RIO-92 (Conferência Internacional Sobre o Desenvolvimento e Meio Ambiente), as pessoas começavam a se preocupar mais com o meio ambiente. Com isso o poder público incrementou os projetos ligados à implantação e manutenção de áreas verdes urbanas, em forma de parques, bosques, arborização de ruas e jardins em logradouros públicos, melhorando a qualidade de vida e deixando a cidade mais feliz.

A RIO-92 criou meios para que o planeta fosse visto por uma nova ótica. O meio ambiente foi revisto, rediscutido e analisado. Não se pensava mais só no econômico, mas sim, numa interação onde possam atuar harmoniosamente o homem e a natureza, onde tudo está dentro de um único sistema e existem pelas mesmas razões.

A partir do movimento modernista e com o advento da RIO-92, as coisas começam a se encaixar. Você começa a colocar o belo com o necessário. Ok! O belo com o necessário em termos de vida. Esse é o ponto. Você sai com sua família no final de semana, caminham juntos por uma praça onde o espaço é bem trabalhado em termos arquitetônicos, vias de acesso,

arborização e jardins floridos. É um passeio agradável. Isso é qualidade de vida, oferecida à cidade através do paisagismo urbano (ÁVILA, 2003).

Na entrevista, Ávila (2003) informou que no período de 93 a 97 foram plantadas 20.000 árvores em ruas da cidade, dentro do projeto “Cidade Verde, Cidade Florida”, criado pelo prefeito Custódio de Mattos. A partir daí a prefeitura, através da Divisão de Parques e Jardins, vinculada à EMPAV, começou a plantar flores na cidade.

O prefeito Tarcísio Delgado, após assumir a prefeitura, incrementou ainda mais o paisagismo urbano em Juiz de Fora. Não apenas plantando, mas também criando espaços para se plantar. “Todo espaço, uma esquinazinha de rua onde tenha terra e que estiver feia, nós estamos fazendo um trabalho de urbanização com flores, da zona norte à zona sul”, diz Ávila (2003).

O paisagismo da década de 90 evoluiu espantosamente. O mercado de plantas se expandiu em Juiz de Fora. Novas floriculturas, para atender às novas necessidades do mercado, não só vendiam plantas, como também executavam projetos de jardinagem e paisagismo, aumentando ainda mais a concorrência. Novos profissionais também surgiram para disputar o mercado em crescente expansão e várias empresas de jardinagem e paisagismo tomou conta do mercado, abrindo caminho e criando expectativas para o século XXI.

3.2 - Áreas de interesse paisagístico – Paisagens naturais de Juiz de Fora

Juiz de Fora conta com importantes áreas ocupadas por paisagens naturais inseridas no ambiente urbano. Estas áreas são de grande importância no contexto do paisagismo urbano da cidade. Mas, com toda essa vegetação em seu entorno, estamos ainda com falta de área verde por número de habitantes/m². A Organização Mundial de Saúde sugere um índice de área verde de 12 m²/habitante, enquanto que Juiz de Fora apresenta um índice de aproximadamente 2,0 m²/habitante (EMPAV, 2001).

Situada na Zona da Mata Mineira, com aproximadamente 450 mil habitantes, Juiz de Fora é considerada uma cidade de porte médio, com uma população concentrada dentro do perímetro urbano, possui atualmente várias indústrias e vem crescendo a cada dia. Com isso, cresce também a preocupação com as questões ambientais.

A vegetação típica encontrada na cidade é de regeneração da Mata Atlântica em vários estágios. No passado a cobertura vegetal original foi retirada para dar lugar ao café e à

agropecuária. Algumas fazendas, após a decadência do café, abandonaram as áreas cultivadas e usadas para pastagem, proporcionando a regeneração da mata nativa.

Hoje, podemos observar áreas em estágios avançados de regeneração, abrigando uma população animal (fauna) e vegetal (flora) que antes não existia. A exemplo pode-se citar a Reserva Biológica do Poço D'antas, a Reserva Biológica de Santa Cândida, a mata do Krambeck, a mata do Morro do Imperador e a mata do Parque da Laginha (EMPAV, 2001).

3.3 - A Revitalização Paisagística Urbana em Juiz de Fora no início do século

XXI

Desde 2001, a EMPAV (2001) vem consolidando, com apoio de vários órgãos da administração municipal, uma série de obras muito importantes para Juiz de Fora. Dentre elas, na área de Paisagismo Urbano. Na área urbana já foram e estão sendo entregues dezenas de serviços e obras que estão mudando a cara de vários bairros e área central da cidade. Canteiros de folhagem e flores vão ocupando espaços, quer sejam nas regiões planas ou nos taludes e morros.

Na Reserva Biológica do Poço D'antas, área de 170.000 metros quadrados, que abriga uma rica biodiversidade, está sendo implantado um projeto com infraestrutura que permita a visitação pública, com guaritas, alojamento, cantina, sanitários e trilhas demarcadas, tudo isso inserido num plano de manejo que possa garantir a exploração equilibrada da área, contribuindo com a preservação ambiental, educação ambiental e lazer dos cidadãos (Figura 10).

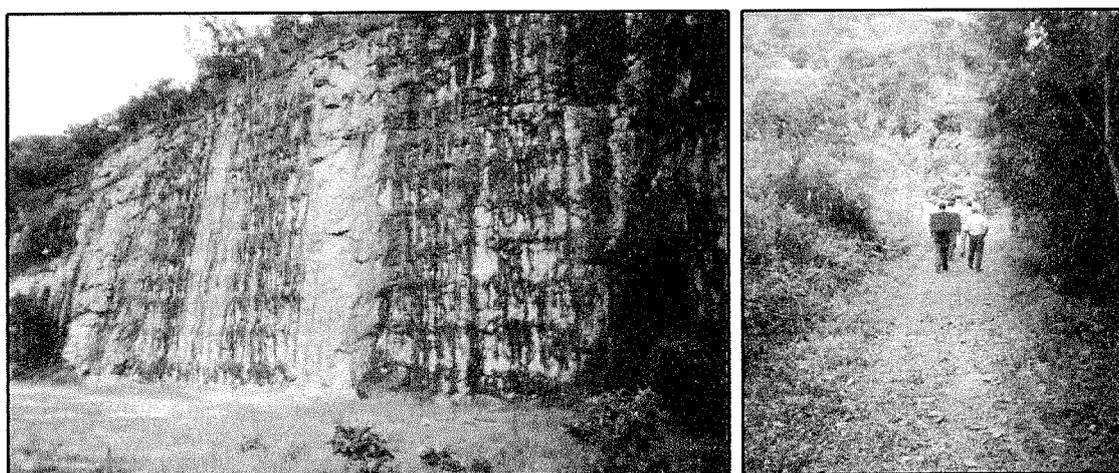


Figura 10 - Parque Temático do Poço D'antas.

Fonte: EMPAV, 2001.

Uma outra obra vultosa a ser entregue à cidade virá com a implantação do projeto de despoluição do rio Paraibuna e revitalização de suas margens que incluirá a recomposição de taludes, plantio de centenas de árvores, milhares de metros quadrados de grama e 2.400 metros de folhagens e espécies florais (Figura 11). As margens do rio ganharão uma infraestrutura contendo bebedouros, baias para estacionamento, equipamentos de ginástica e quiosques. A intenção, segundo o relatório da EMPAV (2001) é transformar a área urbanizada de 16.600m², num espaço nobre de entretenimento para os cidadãos juizforanos, além de contribuir com o meio ambiente através da vegetação e das Estações de Tratamento de Esgoto (ETES) a serem implantadas em pontos estratégicos ao longo do percurso do rio, que irão tratar todo o esgoto, desde a montante no bairro Barreira do Triunfo, até a jusante após o bairro Vila Ideal. De acordo com os projetos de despoluição do rio Paraibuna, que já passaram até por audiência pública, o rio vai voltar a ter vida e alegria.

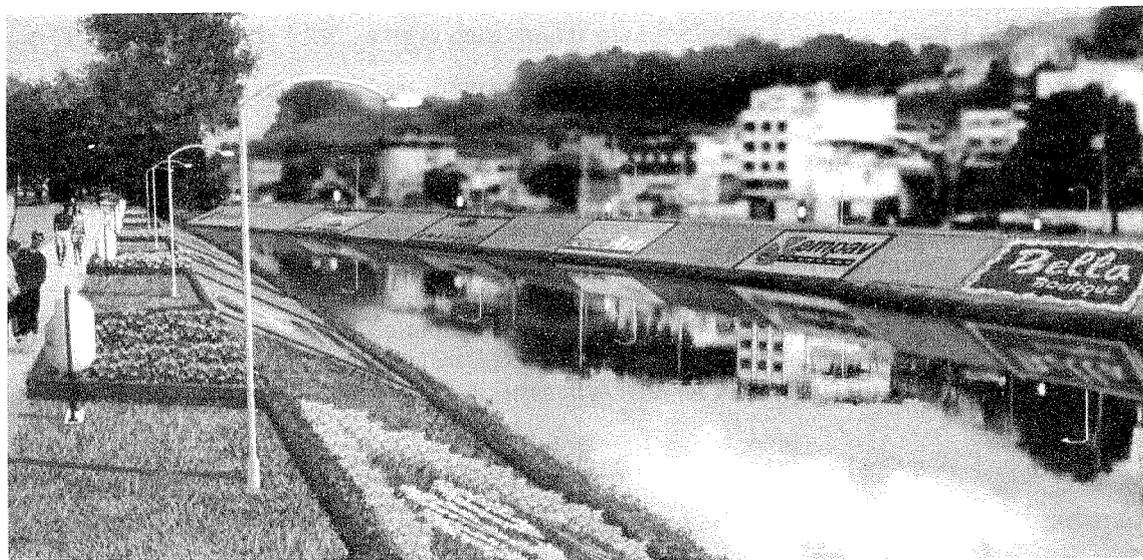


Figura 11 - Projeto gráfico – rio Paraibuna e suas margens após revitalização.

Fonte: EMPAV, 2001.

Desde 2001 já foram plantadas cerca de 500.000 mudas nos novos jardins, praças e logradouros da cidade.

De acordo com o paisagista Ávila (2003) da Divisão de Parques e Jardins da Prefeitura de Juiz de Fora, a proposta de revitalização paisagística para a cidade é muito boa. Ele diz ainda que a preocupação na atual administração é deixar a cidade bonita, com um paisagismo que atenda o objetivo de qualidade de vida e qualidade ambiental, conjugando o saudável com o belo. Segundo o paisagista, Juiz de Fora está sendo muito elogiada, não só pela sua própria população, mas também por visitantes de outras cidades brasileiras e até por estrangeiros.

Com a reforma no Morro do Imperador, que mudou consideravelmente a paisagem do local, o número de visitantes ao mirante aumentou positivamente. Segundo Ávila, até mesmo durante as obras de revitalização do local, as visitas já começaram a aparecer para ver em primeira mão o que estava planejado para o local.

O povo está querendo uma área de lazer, o povo está querendo ver coisas bonitas. [...] O objetivo do trabalho de urbanização, revitalização de praças, parques e logradouros públicos em geral, além da área central, é atender os menos favorecidos, os novos bairros, aqueles que foram frutos de ocupação desordenada. Trabalhamos para urbanizar e humanizar estas áreas.

As obras vêm seguindo um planejamento de tal forma que o centro e a periferia estão sendo trabalhados ao mesmo tempo. As vezes, pelo fato de convivermos mais no centro, trabalhando, estudando, fazendo compras, temos a falsa impressão que somente a área central é privilegiada. Não existe essa coisa que o primeiro lugar deve ser o centro da cidade (ÁVILA, 2003).

Criado no início deste século (XXI) por recomendação do prefeito Tarcísio Delgado, o “Programa Cidade Flor”, surgiu para mudar para melhor a imagem visual e colaborar com o meio ambiente urbano nos mais diversos pontos da cidade, desde grandes praças e avenidas, a taludes e pequenos espaços públicos da área central e periférica.²

Eu acredito que, daqui em diante, nenhum prefeito ficará sem dar continuidade ao trabalho que vem sendo desenvolvido nessa área. Tenho consciência que Saúde, Educação, Segurança Pública e Saneamento Básico são muito importantes para o povo de uma cidade. Mas, a questão ecológica, a questão ambiental, o trato paisagístico de uma cidade faz tanta falta quanto qualquer um desses outros itens (ÁVILA, 2003).

O Horto Municipal, segundo Ávila (2003), foi criado em 1979 com o objetivo de dar subsídio nos trabalhos de ajardinamento, plantio de árvores (arborização urbana) e manutenção das áreas verdes da cidade.

As plantas produzidas no Horto não suprem a necessidade dos parques, praças e jardins de Juiz de Fora. Após uma avaliação orçamentária e estrutural, a Divisão de Parques e Jardins, juntamente com outras áreas administrativas municipais, chegou à conclusão que comprando mudas de São Paulo e de Dona Euzébia – MG, seria mais econômico. Segundo Ávila (2003), o total de plantas produzidas no Horto hoje está entre 50% da demanda. O restante vem de fora. A produção no Horto Municipal é feita a partir de sementes compradas, tornando-se cuidado na questão de qualidade, e a partir de reprodução assexuada, com o aproveitamento das podas efetuadas nas manutenções dos jardins da cidade.

² As fotos referentes a estas obras serão anexadas no final deste trabalho.

De acordo com o paisagista, a mão de obra do Horto é qualificada. O treinamento se tornou uma prática diária entre os funcionários. O número de funcionários chega a onze, dependendo da demanda dos serviços. A administração do Horto é feita através de um encarregado geral e cada funcionário é responsável por sua tarefa diária.

O Horto Municipal de Juiz de Fora está subordinado à divisão de Parques e Jardins. Está vinculada à EMPAV, que é uma empresa municipal. Deste modo, todos os custos referentes ao horto, implantação de jardins e manutenção de áreas verdes em geral é repassado para a Prefeitura que, segundo Ávila (2003), tem uma verba específica para essa área.

3.4 - Gerenciamento das Atividades do Paisagismo Urbano

Neste tópico são abordados algumas responsabilidades geradas no trato do paisagismo urbano em Juiz de Fora. Os itens não esclarecidos de acordo com o comentário de Ávila (2003), paisagista da Divisão de Parques e Jardins da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora.

a) Transporte de funcionários, plantas e ferramentas:

Os transportes são efetuados em caminhões adaptados. Estes caminhões atendem às especificações de segurança do trabalho (Figura 12).



Figura 12 - Frota de Veículos da EMPAV.

Fonte: EMPAV, 2001

b) Preparo de canteiros e áreas a serem ajardinadas:

A preparação da área é feita após uma avaliação prévia do terreno a ser trabalhado. São feitos a seguir trabalhos de estruturação dos canteiros, calagem e adubação. Logo em seguida vem a vegetação. Que também é escolhida de acordo com o estudo para cada área em particular.

O plantio é feito dentro de normas técnicas, com espaçamento entre plantas de acordo com a espécie usada.

c) Gerenciamento dos serviços nas ruas:

O gerenciamento é feito pelo paisagista, pelo encarregado de turma e pela equipe de operação que faz parte dos trabalhos (Figura 13 e 14).

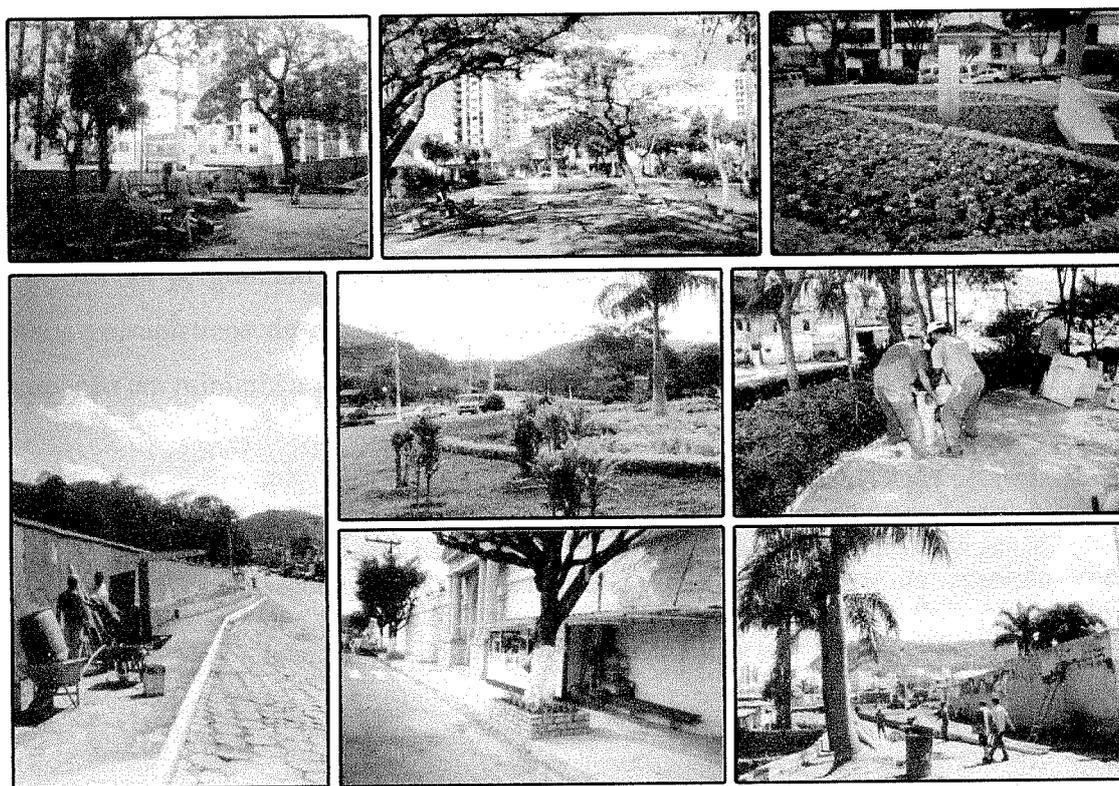


Figura 13 - Equipe da EMPAV em manutenção.

Fonte: EMPAV, 2001.

d) Planejamento arquitetônico e manutenção:

O planejamento arquitetônico é feito por uma equipe multidisciplinar que envolve vários profissionais e setores da prefeitura.

A manutenção é feita por jardineiros da EMPAV.

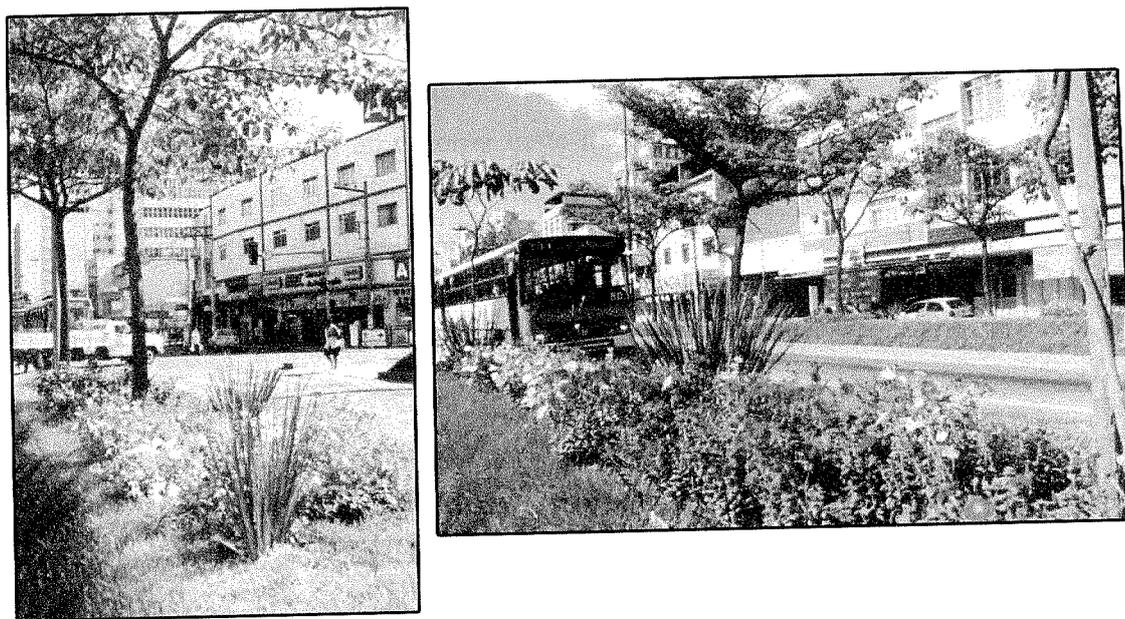


Figura 14 - Canteiros mantidos pela EMPAV, na Av. Barão do Rio Branco.

Fonte: EMPAV, 2001.

Ao ser perguntado sobre os custos gerados na execução e manutenção dos jardins e trabalhos paisagísticos da cidade, Ávila disse que nessa administração tem-se uma grande preocupação em minimizar ao máximo possível os valores necessários aos projetos.

Olha, assim como uma cidade tem necessidade de água potável, que é uma das necessidades principais, e assim com uma cidade tem necessidade de saneamento básico, como uma cidade tem necessidade de saúde, educação, segurança, ela também precisa para o seu bem estar, da vegetação. Você tem que ter o belo, o agradável. Um lugar agradável e belo para se viver. O homem veio do Éden, voltemos ao Éden. (ÁVILA, 2003).

4 CONCLUSÃO

Como se conclui no decorrer deste trabalho, é impossível uma cidade, nos dias de hoje, sem um jardim ou uma área verde qualquer que possa atender as necessidades do homem moderno que anseia pelo prazer proporcionado pelo contato com a natureza.

Na história do homem, acompanhando sua evolução pelo planeta, pode-se perceber que embora o homem tenha descido das copas das árvores, embrenhando-se pelas selvas de pedras, não conseguiu e nem pode viver sem a proximidade com a natureza.

Em Juiz de Fora, no campo do paisagismo urbano, percebe-se um grande avanço. Ao andar pela cidade pode-se ver canteiros gramados e floridos, e árvores que proporciona uma sensação de bem estar e de qualidade de vida.

Existe hoje um grande apelo para as questões ecológicas e ambientais e Juiz de Fora tem cumprido o seu papel ambiental. É de extrema importância que os futuros prefeitos continuem com obras e manutenção do paisagismo e áreas verdes urbanas, já que é uma questão tão importante para a cidade e seus habitantes.

De acordo com as pesquisas realizadas, Juiz de Fora conta hoje com uma boa infraestrutura para atender ao paisagismo urbano na cidade e vem desenvolvendo, dentro dos padrões nacionais, um trabalho sério e de bom gosto. A exemplo, pode-se citar o projeto "Amigo da Praça", que vem mobilizando um grande número de pessoas, chamando a atenção da população para a importância da conservação dos espaços naturais de lazer.

Embora seja uma nova área da administração pública em cidades do interior, o paisagismo urbano vem ganhando espaço em pequenas cidades e já pode ser percebido em municípios como Ubá, Viçosa, Astolfo Dutra, Cataguases, entre outros.

O paisagismo urbano vem se tornando uma tendência nacional. É o homem aprendendo a cuidar da Natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS*

ARRUDA, Renato Ferraz de. **Os principais jardins botânicos do Brasil**. Disponível em: <<http://www.oagronomico.com.br>>. Acesso em: dez. 2003.

ÁVILA, José. **José Ávila: depoimento** [mar. 2003]. Entrevistador: Francisco Ferreira Filho. Juiz de Fora: Faculdade de Tecnologia em Meio Ambiente – UNIPAC. 2 fitas cassete (120 min), estéreo. Entrevista concedida para trabalho de conclusão de curso (Monografia). UNIPAC, Juiz de Fora, MG.

BRANDÃO, H. A. **Manual prático de jardinagem**. Viçosa: Ed. Aprenda Fácil, 2002.

COMPANHIA MINEIRA DE ELETRICIDADE. **Projeto memória da CEMIG**. Belo Horizonte, 1994.

EMPAV. **Relatório 2001**. Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, 2001.

ESTEVES, A. (Org.). **Álbum do Município de Juiz de Fora**. Belo Horizonte: Ed. Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915.

EVOLUÇÃO Histórica dos Estilos de Jardins. Disponível em: <<http://www.uesb.br/flower/historico.html>>. Acesso em 10 jan. 2003.

FAZOLATTO, D. **Juiz de Fora: imagens do passado**. Juiz de Fora: Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage – Funalfa, 2001.

FORTES, Vânia Moreira; PAIVA, Haroldo Nogueira de; GONÇALVES, Wantuelfer. **Planejamento e manutenção de jardins – vol. 1**. Viçosa: Ed. Aprenda Fácil, 2001.

GOLDENSTEIN Stella. ANP (Associação Nacional de Paisagistas), São Paulo, 2001. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PAISAGISMO. Disponível em: <<http://www.anponline.org.br/>>. Edição n. 1, 2002. Acesso em 10 jan. 2003.

GONÇALVES, W. **Urbana paisagem – palestras e conferências: 2000-2002**. Viçosa: Produto Artesanal, 2003.

HISTÓRIA de Juiz de Fora. Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/museu/index.htm>>. Acesso em 19 fev. 2003.

JARDINS. Origem, evolução e características.

LIRA FILHO, Augusto de et al. **Paisagismo – princípios básicos**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2001.

MATHEUS, Marcos. Espaço verde: solução para as grandes cidades. Disponível em: <<http://www.fip.gov.br>>. Acesso em: dez. 2003.

MERCADO de Paisagismo – evolução nos últimos 15 anos. **Revista dos Amantes da Natureza**. Ano 15, nº 1, edição 169. 2003, p. 42.

* NORMAS, UNIPAC. Documento eletrônico. 2005

MOURA, Antonio de Paiva. A urbanística. Disponível em:<<http://www.tribunade minas.com.br>>. Acesso em dez. 2003. OLIVEIRA, P. **História de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Ed. Gráfica Comércio e Indústria Ltda., 1966.

SEGAWA, Hugo. Áreas Verdes Urbanas. **Revista Mais Passeio**, n. 13, abr. 2003, pg. 17-18.

SILVA, G. G. **Juiz de Fora é o desafio**. Juiz de Fora: Ed. Esdeva Empresa Gráfica S/A, 1973.

_____. **Retrato da Saudade**. Juiz de Fora: Ed. Esdeva Empresa Gráfica Ltda, 1980.

WALNYCE, Scalise. O espaço livre urbano como instrumento e construção e qualificação da paisagem urbana. **Revista Assentamentos Humanos**, n. 1, v. 3, pg. 25-32, 2001.

ANEXOS

Algumas obras de paisagismo urbano já consolidadas na cidade de Juiz de Fora na administração do prefeito Tarcísio Delgado (2001 – 2004).



Figura 15 - Revitalização da Rua Francisco Bernardino



Figura 16 - Revitalização da Rua Alencar Tristão – Bairro Santa Terezinha

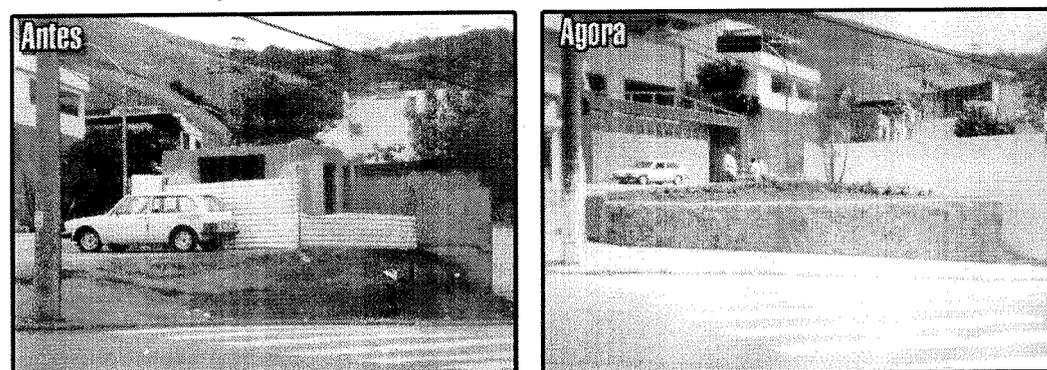


Figura 17 - Revitalização da Rua Olegário Maciel, esquina com Monsenhor Gustavo Freire – Bairro Dom Bosco

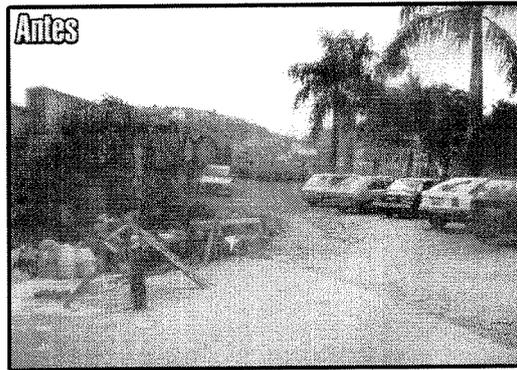


Figura 18 - Alameda da Praça Teotônio Vilela (Vitorino Braga)

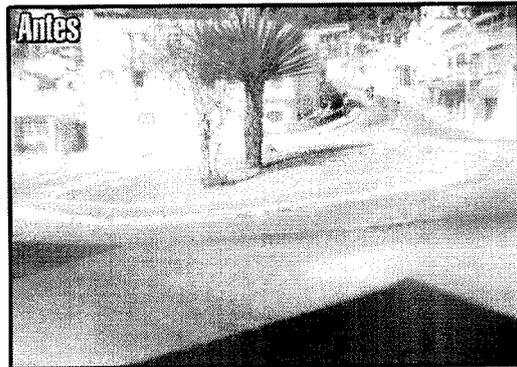


Figura 19 - Rotatória Ruas João Pinheiro / Visconde de Mauá – Bairro Jardim Glória

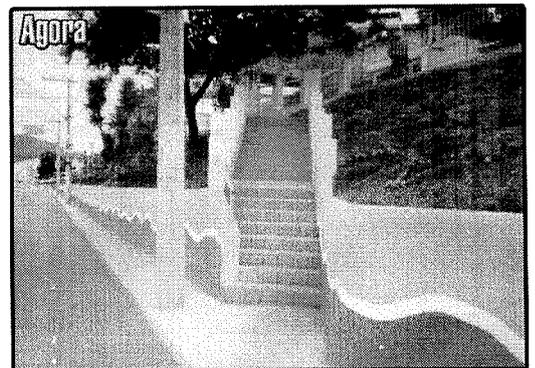
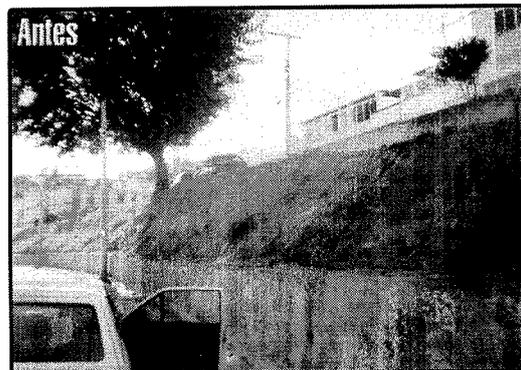


Figura 20 - Acesso ao Bairro J.K.

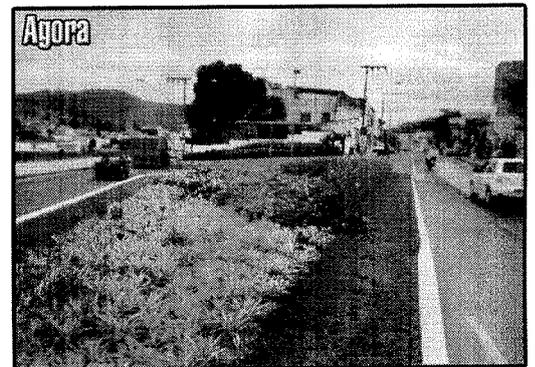
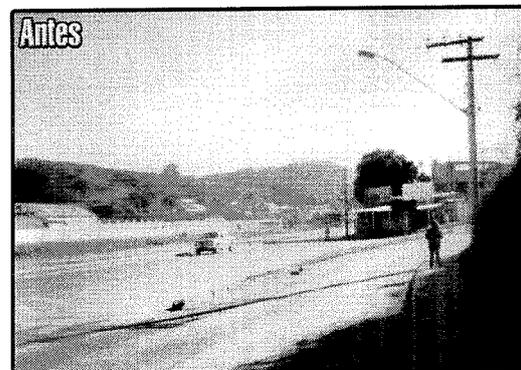


Figura 21 - Av. Brasil com Costa Carvalho

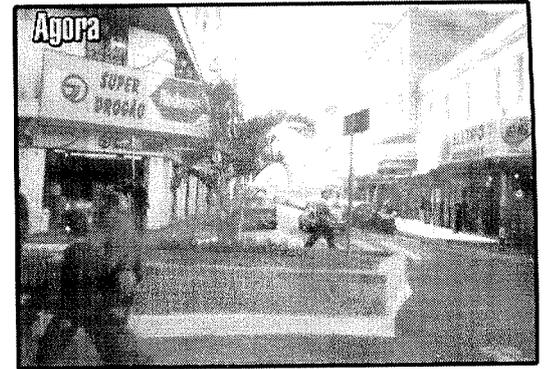
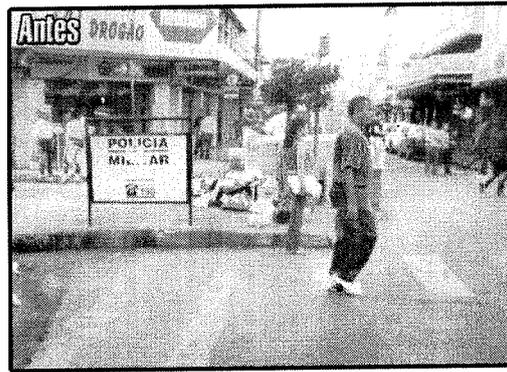


Figura 22 - Rua Batista de Oliveira com Rua Santa Rita

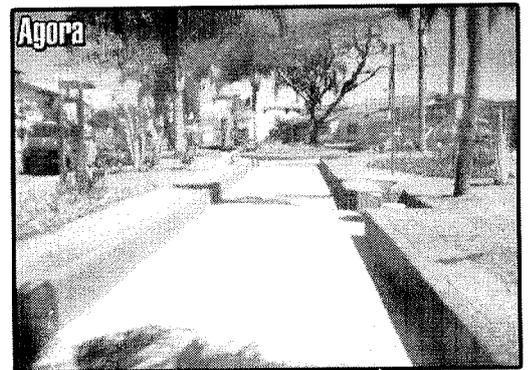


Figura 23 - Praça Mahatma Gandhi, Bairro Santa Catarina

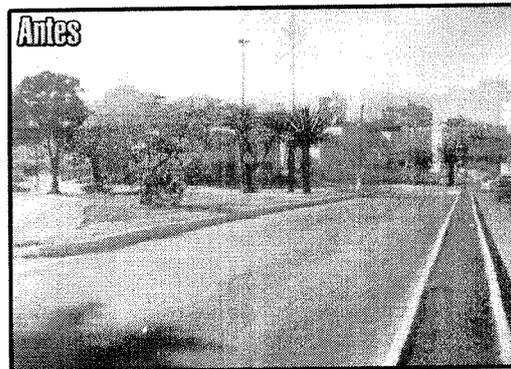


Figura 24 - Praça Rubem Abreu, Bairro Jardim Glória

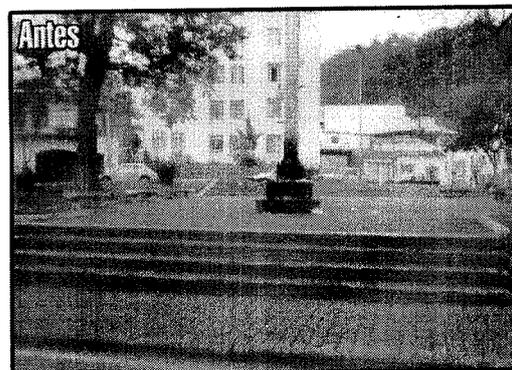


Figura 25 - Largo do Cruzeiro

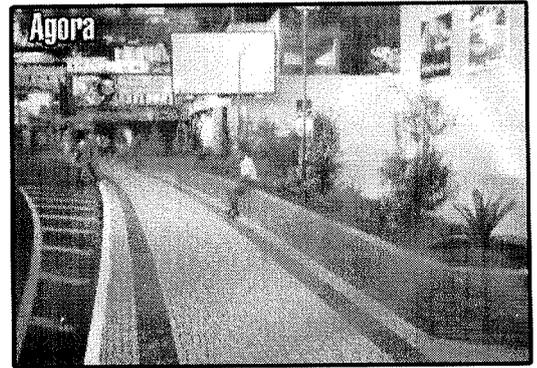
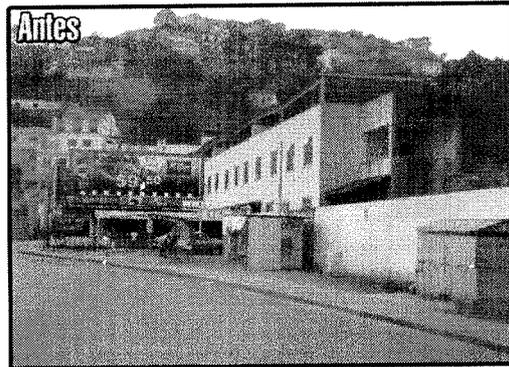


Figura 26 - Rua Djalma de Carvalho (Regional Leste)

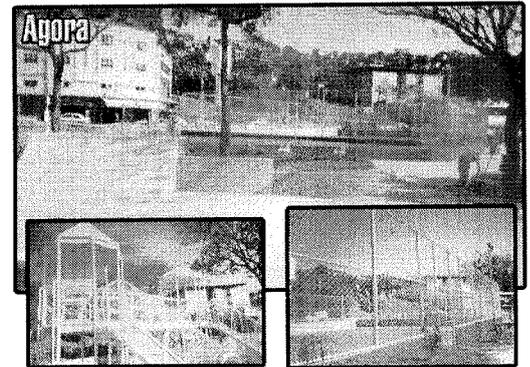
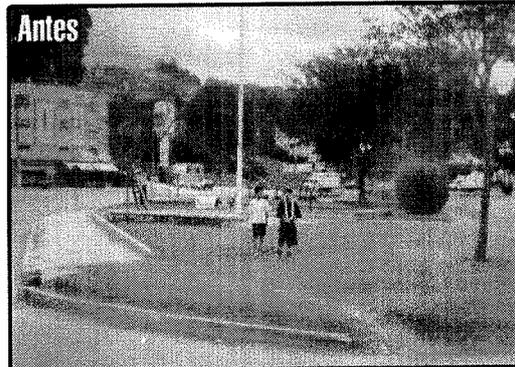


Figura 27 - Praça da Vila Ideal

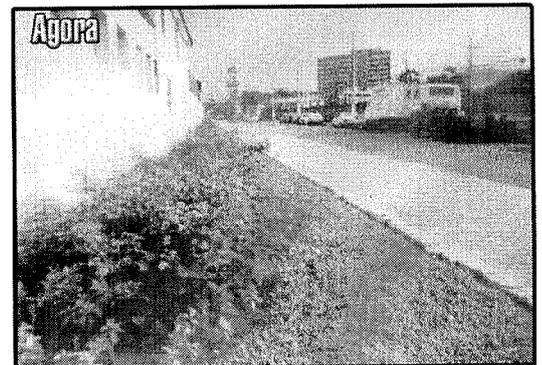
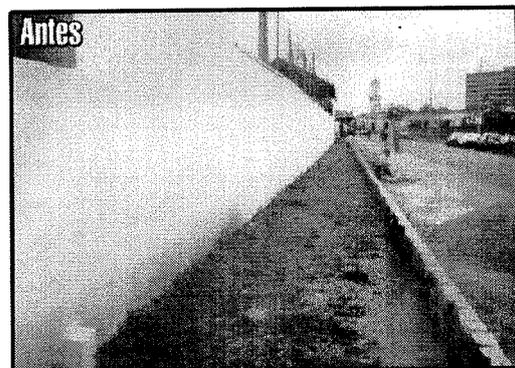


Figura 28 - Rua Ângelo Falci

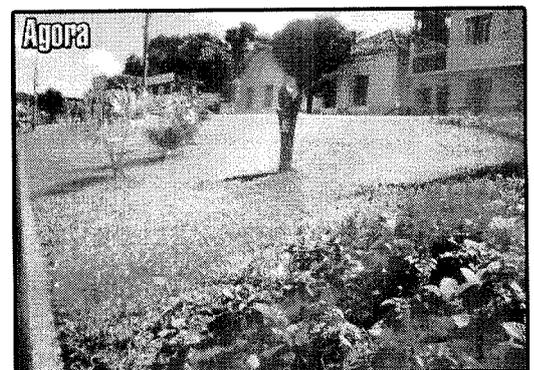
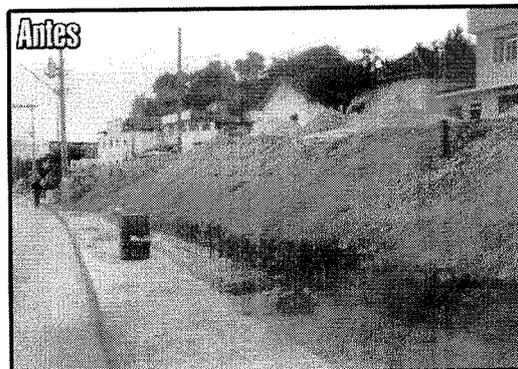


Figura 29 - Jardim Jorge Aleixo (Ladeira)